

O LEGADO DAS BRUXAS E AS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS: REFLEXÕES SOBRE PODER E IDENTIDADE. Parte 1

A Construção Social Da Bruxa

Vilma Lúcia Fonseca Mendoza

Acadêmico Titular da APMED – Cadeira 40

INTRODUÇÃO

A análise das conexões históricas e sociopolíticas entre a figura da bruxa na Idade Média e a da feminista contemporânea nos permite compreender como narrativas de resistência feminina evoluíram ao longo do tempo, expondo os mecanismos de controle social e inspirando reflexões sobre igualdade e justiça social. Revela, ainda, como mulheres que desafiam estruturas de poder são historicamente marginalizadas e se transformam em símbolos de resistência.

Esse artigo é um resumo de um estudo que estamos realizando sobre o tema e que será publicado em quatro partes, tem o objetivo de analisar alguns paralelos históricos tentando encontrar suas implicações para o pensamento político social da contemporaneidade.

Inicialmente falaremos sobre a construção social da “bruxa” como ser desviado dos padrões religiosos e culturais e, portanto, como inimiga pública.

Em um segundo momento, mostrar como o fenômeno de caça às bruxas esteve ligado aos sistemas de poder e como as mulheres socialmente mais vulneráveis foram os principais alvo das perseguições.

Na terceira publicação, contextualizaremos os movimentos feministas a partir do século XX, o resgate da figura da bruxa como símbolo de resistência e independência e a relação existente entre as tentativas de controle do corpo feminino, a liberdade sexual e as lutas contra os sistemas patriarcais existentes.

Por fim, discutiremos os pontos de convergência entre as duas figuras analisadas mostrando como ambas são vistas como ameaças aos sistemas de poder estabelecidos, o papel do medo como ferramenta de controle social e de como as narrativas foram elaboradas para, ao longo da história, marginalizar a figura da bruxa e a da feminista.

A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA BRUXA

O destino social da mulher se assemelha ao das estirpes trágicas de que fala Lain Entralgo (1987), e que ilustra as crenças helênicas a respeito do caráter hereditário da impureza moral e física. Lain Entralgo se refere a figuras míticas e históricas, como as da Casa de Atreu e da Casa de Labdaco, ambas marcadas por tragédias, violências e maldições que se perpetuam mostrando como o “pecado” e a “culpa” podem ser transmitidos.

Desde tempos remotos, encontramos a representação das mulheres como seres imperfeitos e, algumas vezes, como figuras monstruosas. Essas representações no Universo mitológico Greco-Romano condicionaram a fantasia coletiva da mulher como alteridade deformada. O oposto ao homem, a desrazão e a negação da moralidade. Enquanto o discurso patriarcal resumia o espaço feminino ao privado e a maternidade, qualquer tentativa de ampliação desse espaço era a comprovação de sua essência má e transgressora.

O feminino é mistério, um mistério que muda de lugar e de sentido sem alterações que afetem a sua essencialidade. Continua o mistério. Para Voltaire e Spinoza, o mistério impede o pensamento, para Merleau-Ponty é o que faz pensar (Chauí, 1983).

Para Tertuliano (160-220), por exemplo, toda mulher é uma tentadora sexual, desde Eva que induziu Adão a cometer o pecado. (Siqueira, 2014). Para Orígenes de Alexandria, o corpo da mulher era a essência da imperfeição moral e todo pecado começaria com as sensações provocadas pelo corpo feminino através do qual o diabo estaria operando.

Fazendo uma revisão nas fontes do cristianismo, encontraremos em Santo Agostinho uma das mais importantes figuras do pensamento cristão, e em São Tomás de Aquino, uma tradição de injúria contra as mulheres, que será retomada por inquisidores e demonólogos como justificativa para a intensa perseguição realizada durante a inquisição.

Adiantando-se aos grandes nomes da sociologia histórica e da psicologia social, Jules Michelet (1798-1874) publica, com grande dificuldade, em 1862 *la Sorcière* (A bruxa). Ainda que desdenhada por alguns historiadores, sua obra é de uma beleza singular, resgata o mistério de uma onipotência mágica, como manifestação do eterno feminino e reconstrói as condições sociais que permitiram seu aparecimento e sua permanência. Para Michelet, a bruxa procede dos tempos do desespero. Nem a antiga Maga, nem a Vidente Celta ou Germana que eram respeitadas em suas comunidades, consideradas intermediárias entre o mundo humano e o espiritual, que interpretavam os sinais, mas que não mudavam o destino, eram ainda a verdadeira bruxa.

Em 362 o Oráculo de Delfos estava em ruínas, o cristianismo avançava rapidamente apesar dos esforços de Juliano o Apóstata para restaurar o paganismo. Provavelmente é a melancólica resposta que, segundo a tradição, a Pitiá oferece ao Imperador Juliano, através de seu médico Oribásio de Pérgamo, o primeiro anúncio do aparecimento da bruxa.

Diz a Pitiá:

“Direis al Rey. Apolo ya no tiene acá su morada, ni brotes de laurel profético, ni fuente que hable, el agua parlante se calló” (Petsas, 1989).

Para Michelet, o cristianismo inicia uma forma de solidão com a transmutação dos deuses pagãos que se refugiam no mais íntimo dos costumes domésticos. Enquanto o Deus único parece estar muito longe, ainda não está incluído no espaço doméstico, a mulher cuida dos deuses pagãos destronados, os esconde nos armários, debaixo das camas, oferece a eles o fogo, o calor da casa, tem com eles uma relação de cumplicidade e ali ela os tem mais perto do que quando os compartilhava com os homens nos templos frios.

Extirpado o paganismo, o mundo é reorganizado. Só existe lugar para duas forças em luta, o bem e o mal, só existe lugar para um Deus e para um Demônio. O bem somos nós, o mal todos os demais, tudo aquilo que é diferente de nós; o bem são os homens, o mal; as mulheres. Como séculos depois, ainda se afirma o bem são os brancos, os que pensam como nós pensamos, os heterossexuais, os deístas, o conhecido, o que não precisa esforço para entender.

O mal é o novo, aquilo que, pelo menos no momento, não se consegue explicar, o que está fora da norma social, o desconhecido.

Em uma obra intitulada “o Retorno das Bruxas”, a filósofa mexicana Norma Blasquez explica que, ainda que as mulheres tenham permanecido fora da Educação formal superior até os séculos XIX e XX, ela há muito já detinha um conhecimento que ameaçava o poder masculino. Elas eram parteiras, alquimistas, perfumistas, tinham conhecimentos sobre a sexualidade, conheciam substâncias abortivas, o que lhes dava a possibilidade do exercício de uma sexualidade mais livre. Muitas podiam morar sozinhas, porque podiam prover os próprios meios de subsistência e, como nem sempre eram velhas e feias como atestam os estereótipos, também chamavam para si a inveja e a hostilidade das mulheres da comunidade.

Uma reflexão de Mitscherlich (1988) nos mostra como a mulher só pode operar, em relação ao conhecimento masculino, como um fator aniquilador ou mágico destrutivo. Com a bruxa, a mulher, esse ser ainda sem alma, a besta selvagem, impura, dá o salto definitivo: já não só prediz o futuro como a vidente ou a Sibila, não só maldiz seu destino, não só espera, não só reprime seu desejo, mas agora *invoca os demônios e com eles aprende os segredos da beladona*, cria e modifica seu futuro, tal como séculos mais tarde as vozes femininas se alçarão e começarão a mudar o “destino” que lhes foi imposto.

Nenhuma representação de uma suposta monstrosidade da natureza feminina teve mais eco no imaginário coletivo como a iconografia da bruxa. Seus conhecimentos mágicos, sua sexualidade exacerbada, seus hábitos noturnos, a ausência de um instinto maternal, a organização de grupos associativos e de solidariedade feminina (os Aquelarres) transformam a bruxa no exemplo paradigmático de transgressão, tão grave e ameaçadora, que só as labaredas que iluminarão a sombria Europa poderão destruir.

Na configuração simbólica de uma bruxa, quatro elementos estão incontestavelmente presentes: o pacto com o diabo, os Aquelarres, as metamorfoses e os voos. Esses elementos podem ser reinterpretados e associados às questões centrais das lutas femininas contemporâneas ressignificando-se como metáforas de resistência, autonomia e empoderamento.

Historicamente, o pacto com o diabo simbolizou a ruptura com a ordem social e religiosa estabelecida. Nas lutas femininas atuais, pode ser associado à rejeição de normas patriarcais e à conquista da autonomia sobre os próprios corpos, escolhas e vidas. É a coragem de “negociar” com o proibido, ou seja, desafiar sistemas que marginalizam e controlam as mulheres.

As reuniões secretas, os Aquelarres são a metáfora para a solidariedade e a força coletiva. Os bosques já não acolhem e escondem esses grupos, mas os espaços de encontro, de apoio mútuo e organização coletiva entre mulheres continuam sendo fundamentais para as lutas femininas, como os movimentos por igualdade de gênero e contra a violência.

As metamorfoses refletem a capacidade das mulheres de se reinventar e transcender os limites impostos e se conectam à luta pela reconfiguração dos papéis de gênero, desafiando estereótipos e expectativas sociais.

Finalmente, os voos podem ser lidos como a busca pela liberdade, pelo rompimento das cadeias e o direito ao desejo, pelo direito de ocupar lugares antes negados e de alcançar níveis de realização pessoal e profissional que antes eram inimagináveis.

Cada um desses elementos, quando reinterpretados sob a perspectiva das demandas contemporâneas, reforça o poder simbólico da bruxa como ícone de resistência e transformação. Como o início de uma proposta civilizatória que busca não apenas a igualdade de gênero, mas a construção de um mundo mais justo e democrático para todos.

Referências

- BLASQUEZ, N. **El retorno de las brujas**. México: Universidad Autónoma de México, 2018.
- CHAUÍ, M. **Da realidade sem mistérios ao mistério do mundo**: Espinoza, Voltaire, Merleau-Ponty. Brasília: Brasiliense, 1983.
- LAIN ENTRALGO, P. **História Universal de la Medicina**. Madrid: Masson, 1998.
- MICHELET, J. **La Bruja**. Valladolid: Maxtor, 2014.
- MITSCHERLICH, M. **La femme pacifique: étude psychanalytique de l'agressivité selon le sexe**. Paris: Des Femmes, 1988.



SIQUEIRA, S. M. **A mulher na visão de Tertuliano, Jerônimo e Agostinho: Século II-V d.C.** 242 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de São Paulo.